

A Imagem e Semelhança de Deus

Gordon H. Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Para descrever a natureza da imagem alguém pode imediatamente afirmar o princípio de que qualquer interpretação que identifique a imagem com algumas características não encontradas em Deus deve ser incorreta. Por exemplo, a imagem não pode ser o corpo do homem. Se alguém diz que a posição ereta do corpo humano, em contraste com os animais quadrúpedes e os répteis, é a imagem, a resposta não é meramente que os pássaros têm duas pernas, mas antes que Gênesis não faz nenhuma referência à imagem física. Uma razão mais importante para negar que o corpo do homem seja a imagem é o fato de que Deus não é e não tem um corpo.

Alguém pode ao mesmo tempo ver uma distinção mais notável entre a criação dos animais e a criação do homem. Em Gênesis 1:11 lemos: “Produza a terra erva verde”; uns poucos versos adiante: “E disse Deus: Produzam as águas abundantemente”. O verso 24 adiciona: “Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado e répteis, e bestas-feras da terra conforme a sua espécie”. Mas Gênesis 1:26, 27 cita Deus como dizendo: “Façamos o homem à nossa imagem”. Porque a terra produziu gado, enquanto Deus diz “façamos”, a expressão sugere um relacionamento mais direto com Deus e o homem do que aquele entre Deus e os animais. Os animais são deveras bonitos, interessantes e úteis, mas o homem é superior. Como? Alguns teólogos contemporâneos, no geral totalmente ortodoxos, insistem que o homem é uma unidade, não uma dualidade; por conseguinte, eles concluem que ele não é a sua alma, mas a combinação da alma e corpo.

Alma e Corpo

Antes de discutir tal visão, a pessoa deve perceber que a terminologia do Novo Testamento, embora um desenvolvimento da do Antigo, não é precisamente a mesma. Gênesis descreve explicitamente a alma como a combinação do barro terreno e o sopro divino, e chama o homem de alma vivente. A linguagem no parágrafo precedente toma alma como sendo algo totalmente distinto do corpo, e esse é em geral o uso do Novo Testamento. Enquanto o Antigo Testamento frequentemente usa alma e espírito de forma

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em 23 de Julho de 2005.

sinônima, o Novo Testamento — especialmente quando as formas adjetivas das palavras ocorrem — impõem sobre elas uma distinção moral. *Natural* carrega uma conotação má (compare 1 Coríntios 2:14; 15:44; Judas 19). Por outro lado, espiritual não mais denota o espírito humano, mas a influência do Espírito Santo (compare 1 Coríntios 2:11-16 e 15:42-47; Colossenses 1:9; 1 Pedro 2:5).

Com esse pano de fundo escriturístico em mente, a pessoa pode retornar à questão, não a de que se o homem é uma unidade, mas a de que tipo de unidade o homem é. Um caso paralelo deve ajudar. O sal é um tipo de unidade também, sendo a combinação química de sódio e cloro. Assim também, o homem composto não é a alma. Aqui, certamente, a palavra *alma* não reproduz o uso de *nephesh* em Gênesis 2:7. Ela reproduz o uso no Novo Testamento e o uso comum do nosso presente século. Agora, para mostrar que o homem em si não é a combinação — mas precisamente a alma, mente ou espírito — alguém pode apelar para 2 Coríntios 12:2, que diz que numa ocasião Paulo não sabia se ele estava no corpo ou fora do corpo. É totalmente óbvio que *de* não poderia ser o corpo, pois ele, Paulo, poderia estar no corpo ou fora dele. E se o homem é a alma, temos uma unidade mais perfeita do que o composto químico de sódio e cloro. Alguém pode citar também 2 Coríntios 5:1: “Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus”. Similarmente Filipenses 1:21ss diz: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho... mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor...”. O corpo não é a pessoa; ele é um lugar no qual a alma habita. A casa eterna nos céus não é a alma, pois nossas almas não são eternas. Pela graça de Deus elas são intermináveis, mas eternidade seria uma negação de sua criação. O que Paulo está dizendo é que se a residência presente da alma for destruída, não precisamos temer, pois na casa do nosso Pai há muitas moradas, e Cristo ascendeu para prepará-las para a chegada das nossas almas. Ou para mudar a figura, o presente corpo, como Agostinho disse, é um instrumento que a alma usa. É a última que é a imagem e a pessoa.

Embora os dois versos citados acima venham de Paulo, Pedro ensina a mesma doutrina quando ele diz que ele brevemente deixará este tabernáculo terreno. O corpo tinha sido sua casa ou tenda. Ele mesmo seria em breve movido para quartos mais elaborados.

Isso dispensa a noção de que o corpo é uma parte da imagem. A imagem é a alma. Realmente a alma é mais do que a imagem. De todas as passagens citadas, 1 Coríntios 11:7 — previamente usada para mostrar que o homem é a imagem — permanece a mais forte de todas, pois ela adiciona uma frase impressionante. Ela é tão surpreendente que nenhuma pessoa devota

ousaria inventá-la, pois ela diz que o homem não é somente a imagem de Deus, mas que o homem é também a glória de Deus. Somente a autoridade da revelação direta permite essa asserção. Hodge, em seu comentário sobre 1 Coríntios, oferece uma explicação dessa designação adicional, mas é suficiente aqui simplesmente reconhecer quão enfática ela é.

Essa visão do homem parece manter a unidade da pessoa melhor do que suas rivais; ela parece ser mais consistente e lógica; e com todo o suporte escriturístico indicado, parecer ser impossível encontrar uma visão que seja mais bíblica. Visto que a doutrina é tão importante com relação à soteriologia, pode ser interessante, se não essencial, ver como a igreja terrena começou a estudar o assunto.

Algumas Idéias Antigas

A idéia de que Deus criou o homem à sua própria imagem é tão claramente declarada em Gênesis que os pais da igreja primitiva não puderam perdê-la de vista. Foi também tal idéia maravilhosa que eles não puderam se refrear de discutir. Algumas das primeiras tentativas foram, naturalmente, menos do que inteligíveis. Por exemplo, Gregório de Nissa, discorrendo em metáforas floridas, transmite temor ao assunto, mas carece de qualquer clareza explanatória. Bem, talvez haja um ponto claro: a imagem tem algo a ver com a inteligência humana. Essa é pelo menos melhor do que a identificação de Justino Mártir da imagem com a forma corporal. Agostinho tomou a imagem como sendo o conhecimento da verdade, e tomou a semelhança como sendo o amor à virtude. Em sua *Summa Theologica* (Q. 93, Art. 9) após declarar algumas visões a serem rejeitadas, Tomás de Aquino em sua forma usual escreve: “*Pelo contrário*, Agostinho diz, ‘Alguns consideram essas duas mencionadas não sem razão, a saber, a imagem e a semelhança, visto que se elas significassem a mesma coisa, uma teria sido suficiente’”. Essa tentativa de distinguir antes do que identificar a imagem e semelhança não foi uma das mais felizes tentativas de Agostinho. Se a Bíblia fosse escrita na linguagem técnica da *Metafísica* de Aristóteles, alguém bem que poderia imaginar que as duas palavras tinham significados diferentes. Mas na linguagem literária tal como a Bíblia usa, duas palavras podem ser palavras sinônimas usadas por causa da ênfase. Os *Salmos* são repletos desse recurso: “A ti, Senhor, *damei*, e ao Senhor *suplicuei*”; e “Bem-aventurado aquele cuja *transgressão* é *perdoada*, e cujo *pecado* é *coberto*”, onde há dois pares de sinônimos; e “*Lâmpada* para os meus pés é tua palavra, e *luz* para o meu caminho”. Há muitos casos semelhantes.

Mesmo assim, não é fatal para as doutrinas da graça se uma distinção, sem adições danosas, é feita entre imagem e semelhança. Visto que o Novo

Testamento se refere ao conhecimento e à justiça, poderíamos chamar um de imagem e outro de semelhança. Tal especulação, contudo, é fantasiosa e fútil. A pessoa deve, portanto, considerar que distinção a igreja Romana impõe sobre os termos e como ela terminou numa distorção da verdade bíblica.

Em suporte da distinção, Tomás tinha argüido (Q. 93, Art. 1) que onde uma imagem existe, deve haver uma semelhança; mas uma semelhança não necessariamente significa uma imagem. Agora, a igreja Romana desenvolveu essa visão, que até aqui era inócua, em algo que contradiz partes importantes da mensagem bíblica. A presente visão deles é que a própria imagem é a racionalidade, criada porque, quando e da forma com que o homem foi criado. Mas após o homem ser criado, Deus lhe deu um dom extra, um *donum superadditum*, a semelhança, definida como a justiça original. O homem, portanto, não foi estritamente criado justo. Adão era no princípio moralmente neutro. Talvez ele não tenha sido nem mesmo neutro. Bellarmin fala do Adão original, composto de corpo e alma, como desordenado e enfermo, afligido com um *morbus* ou langor que precisava de um remédio. Todavia, Bellarmin não disse exatamente que esse *morbus* era pecado; antes, ele era algo desafortunado e menor do que o ideal. Para remediar esse defeito, Deus deu o dom adicional da justiça. A queda de Adão, então, resultou na perda da justiça original, mas ele caiu somente para o nível moral neutro no qual ele tinha sido criado. Nesse estado, por causa do seu livre-arbítrio, ele é capaz — pelo menos num grau pequeno — de agradecer a Deus.

Obviamente essa visão tem implicações soteriológicas. Embora o estado neutro tenha sido logo desfigurado por pecados voluntários, o homem sem a graça salvadora ainda pode obedecer aos mandamentos de Deus. Após a regeneração, um homem pode fazer até mesmo mais do que Deus requer. Isso então se torna o fundamento da doutrina da Igreja Católica Romana do tesouro dos santos. Se um homem em particular não adquire um número suficiente de méritos, o Papa pode transferir das contas dos santos tantos méritos quanto forem necessários para a sua entrada no Céu. Uma implicação horrenda de tudo isso é que, embora a morte de Cristo permaneça necessária para a salvação, ela não é suficiente. O mérito humano é indispensável.

Por mais que essa soteriologia seja logicamente implicada, o presente estudo não deve se desviar muito da própria imagem. Acima, foi dito que uma afirmação de que há uma distinção entre imagem e semelhança, por si mesma, não é fatal. Mas nem é bíblica. A Escritura não faz distinção entre imagem e semelhança. Não somente o Novo Testamento não faz tal distinção; até mesmo em Gênesis as duas palavras são usadas intercambiavelmente. Gênesis 1:27 usa a palavra *imagem* sozinha, e Gênesis 5:1 usa *semelhança* sozinha, embora em cada caso o todo é intencionado. A semelhança, portanto, não é uma invenção extra adicionada ao homem após a sua criação, uma *donum*

superadditum, como se fosse uma peça de roupa que ele pudesse tirar. Antes, ela é a pessoa unitária.

A Definição

Esse breve relato das visões antigas tem de certa forma infringido o território da natureza da imagem. Que o conhecimento, e possivelmente a justiça, tem sido comumente associado com a capacitação original do homem é um ponto no qual nenhum leitor acima do terceiro grau pode perder. A maioria dos cristãos evangélicos devotos provavelmente enfatiza a justiça, e se o assunto fosse soteriologia, isso seria adequado. Mas durante a segunda metade do século XX, um debate mais penetrante tem se centrado em volta do fator conhecimento. Como um importante desenvolvimento em apologética, ele tornou-se um pouco técnico. Mesmo assim, os debatedores tentam basear suas visões na Escritura. Começemos com uma passagem importante.

Visto que os versos em Gênesis implicam mais do que eles declaram, e para o propósito de mostrar que a Escritura define a imagem como conhecimento e justiça, o primeiro verso a ser citado é Colossenses 3:10. A definição é derivada por notar-se que o novo homem assim o é porque Deus o renovou segundo a imagem na qual ele foi originalmente criado. Efésios 4:24 menciona a justiça, mas Colossenses somente o conhecimento. Seu contexto prévio fala do “velho homem com os seus feitos”. Então, vem um contraste com “o novo homem”. Em que consiste a renovação que faz o velho homem ser o novo homem? O verso diz que ele é renovado “para o conhecimento”. Ele é renovado para conhecer segundo a imagem do Criador. Isso é dizer que a imagem de Deus é o conhecimento para o qual ele é renovado. Assim, a imagem de Deus, na qual a imagem do homem foi criada, é o conhecimento. Certamente isso não significa que Adão era onisciente; todavia, ele tinha algum conhecimento, e isso não é dito dos animais. Visto que esse conhecimento vem pelo ato de soprar em Adão o espírito de vida, o conhecimento deve ser considerado — não como o resultado da observação, visto que Adão não tinha observado nada de forma alguma — mas como o equipamento inato ou *a priori* para o aprendizado.

Se for sugerido que os anjos também têm conhecimento racional, eles também devem ter sido criados à imagem de Deus, e, portanto, o homem não é a única imagem de Deus. Isso é plausível, visto que os Salmos dizem que o homem foi criado um pouco menor do que os anjos. Mas isso não milita contra o homem ser a imagem de Deus. E além do mais, embora a Bíblia afirme distintamente a imagem no homem, ela não faz essa afirmação dos

anjos. A criação dos anjos é deixada na obscuridade, e assim, nós também devemos deixá-la ali.

Um estudo da natureza do homem pode se tornar complexo, e não pode evitar se tornar complexo. Mas porque o pecado é um fator perturbante, é mais fácil estudar o homem em seu estado original de inocência. A psicologia moderna e a psicologia secular enfrentam dificuldades extremas. Seiscentos anos após Sócrates dizer, “Conhece a ti mesmo”, Plotino escreveu cinquenta e quatro tratados sobre o problema. Aqui nós rejeitamos o famoso conselho perverso: “Não procure esquadrihar a face de Deus; o estudo apropriado da humanidade é o homem”. Contrariamente a esse conselho, nós deveras procuramos esquadrihar a face de Deus, e pela mesma razão de que um dos estudos apropriados da humanidade é o homem. Sem uma revelação de Deus, que fez o homem, seria duvidável que pudéssemos aprender muito sobre ele de alguma forma. Mesmo com a ajuda de uma revelação divina, o assunto ainda é muito difícil.

A Bíblia faz a pergunta: “Que é o homem?”. Podemos responder o que uma pessoa é? Você conhece a si mesmo? A Bíblia também diz: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?”. Podemos conhecer o coração ou a natureza do homem antes dele ter se tornado desesperadamente ímpio? O homem é o que ele pensa? Ou ele é a “unidade transcendental da percepção” de Immanuel Kant? Hume o descreveu como um grupo de sensações. Isso não o faz muito superior aos animais, pois muitos animais têm sensações mais aguçadas do que as do homem. Mas os animais não podem pensar. Pelo menos eles não podem fazer geometria, e a geometria dificilmente é o melhor exemplo de pensamento que alguém pode pensar. O homem, então, é um ser racional, como Deus, enquanto os animais, bendito sejam suas pequenas moelas, não o são.

Mas voltemos à Escritura. Há dois versos que conectam conhecimento e justiça. Tal breve declaração requer explicação adicional. Precisamos de informação adicional, pois uma visão correta da natureza original do homem deve fundamentar — não somente um entendimento do pecado e da queda — mas também a visão bíblica da morte, o estado intermediário, a ressurreição e nossa bem-aventurança final. Repetindo: a teologia é sistemática, todas suas partes interpenetram umas às outras.

Gênesis distingue claramente o homem dos animais. Todo livro na Bíblia descreve o homem pecador como pensando, freqüentemente pensando incorretamente, mas algumas vezes pensando corretamente. Devemos examinar Adão com maior atenção, como ele era antes da Queda; mas para fornecer um pano de fundo, sem o qual a visão de alguém seria muito

restringida, algumas outras partes da Escritura seriam mais ou menos introduzidas aqui e ali.

A imagem deve ser a razão, pois Deus é a verdade, e a comunhão com Ele — o propósito mais importante na criação — requer pensamento e entendimento. Sem a razão, o homem indubitavelmente glorificaria a Deus como as estrelas, pedras e animais o fazem; mas ele não poderia gozá-Lo para sempre. Mesmo que na providência de Deus os animais sobrevivessem à morte e adornassem o reino celestial, eles não poderiam ter o que a Escritura chama de vida eterna, pois a vida eterna consiste em conhecer o único Deus verdadeiro, e o conhecimento é um exercício da mente ou razão. Sem a razão não pode haver nenhuma moralidade ou justiça. Essas também requerem pensamento. Carecendo dessas, os animais não são nem justos, nem pecadores.

O Logos Joanino

A identificação da imagem com a razão explica ou é apoiada por uma observação embaraçosa em João 1:9: “Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo”. Como Cristo, em quem está a vida que é a luz dos homens, pode ser a luz de todos os homens, quando a Escritura ensina que alguns homens estão perdidos em trevas eternas? O embaraço surge de se interpretar a luz em termos exclusivamente redentores.

O primeiro capítulo de João não é soteriológico. Obviamente há referências à salvação nos versículos 7, 8, 12 e 13. Não é surpresa que alguns cristãos entendam o versículo nove num sentido soteriológico também. Mas não é verdade que todos os homens serão salvos; portanto, se Cristo ilumina a todo homem, essa iluminação não pode ser soteriológica. Esse não é o único versículo não- soteriológico no capítulo. Os versículos de abertura tratam da criação e a relação do *Logos* para com Deus. Se a iluminação não é soteriológica, ela pode ser epistemológica. Então, visto que a responsabilidade depende do conhecimento, a responsabilidade do não-regenerado está adequadamente fundamentada.

João 1:9 não pode ser sotérico, pois ele se refere a todos os homens. Mas isso está longe de mostrar que a luz os atinge numa forma meramente externa, como ela cintila sobre uma rocha ou árvore. A conclusão, portanto, é que a luz criativa dá a todo homem um conhecimento inato suficiente para fazer todos os homens responsáveis por suas ações más. Essa interpretação concorda com a idéia da criação no versículo três. Assim, o *Logos* ou a racionalidade de Deus, que criou todas as coisas sem uma simples exceção, pode ser vista como tendo criado o homem com a luz da lógica como sua característica humana distintiva.